



## PRÁTICAS LINGUAGEIRAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ESTUDOS DISCURSIVOS SOBRE A CIDADE DE SÃO PAULO

Darlan da Conceição Neves

dneves1987@gmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

*O objetivo desse trabalho é apresentar as possibilidades de aprendizagem a partir de situações proporcionadas pelo professor, por meio das interações entre os estudos críticos do discurso e a Geografia Escolar. Para tanto, apresentaremos uma atividade realizada com uma turma de 2º ano do Curso Técnico em Edificações, pertencente à Escola Técnica Carlos de Campos em São Paulo. Na oportunidade foi debatido a produção do espaço urbano da cidade de São Paulo na atualidade com os alunos e alunas, a partir do tema “condomínios fechados”. A atividade se concretizou com uma análise individual qualitativa de folders de condomínios que estão em fase de divulgação e venda em alguns bairros da capital paulistana. Ao final do trabalho, identificamos que os alunos perceberam uma multiplicidade de sentidos e significados, corroborando com a eficácia do material de divulgação em produzir certos sentidos sobre a cidade; além de também e em alguns casos, ao mesmo tempo, aguçar a percepção desses objetos espaciais como produtores de uma atualizada lógica de produção espacial.*

**Palavras-chave:** discurso, educação geográfica, cidade.

### Introdução

A cidade de São Paulo apresenta possibilidades múltiplas de investigação e interpretação, à medida que se torna um campo fecundo de aprendizagem para o ensino de geografia. A cidade é lócus por excelência para compreensão da espacialidade do fenômeno urbano, que é a partir dela que o conhecimento geográfico se abre em toda sua especificidade, para todos os níveis da educação básica.

O urbano como materialidade das práticas socioespaciais exerce influência sobre a percepção das pessoas que moram na cidade. As formas, os objetos, os processos que são estabelecidos na cidade fazem parte do próprio movimento da sociedade e, neste sentido, a geografia escolar deve proporcionar aos alunos, esse movimento de existir no e pelo espaço.

---

<sup>1</sup> Professor da ETEC Carlos de Campos, do Centro Paula Souza. Também é professor da EMEF João Ribeiro de Barros e doutorando em Geografia, do Instituto de Geociências da UNICAMP.

Nogueira e Carneiro (2013) afirmam que, para o estudo da espacialidade geográfica é importante que se gere proposições em situações que envolvam problemáticas sociais, ambientais ou culturais, de modo a pensar a complexidade do espaço; e indagam como essa leitura pode ampliar o sentido dessa espacialidade. Esses autores ainda relacionam a espacialidade geográfica com a realidade próxima os alunos, com a forma que um lugar tem, além de considerar a relação local com a global.

Concordamos com Cavalcanti (2008) ao afirmar que, habitar dignamente a cidade é um direito de todos e todas, pois a cidade é o lugar privilegiado do encontro e do confronto, a partir do reconhecimento das diferenças entre cada um, por meio da construção do respeito mútuo, uma vez que é na cidade que a materialidade humana se apresenta com maior força. Portanto, é na cidade que acontece a vida pública de que todos e todas devem participar cotidianamente para garantir o acesso a todo espaço urbano e a suas urbanidades.

A importância da cidade para o ensino de geografia advém da perspectiva de formar o sujeito cidadão para a atuação na vida pública, por meio da gestão democrática, portanto, coletiva e colaborativa. A leitura do espaço da cidade é feita pelo conhecimento dela, pelos elementos que a compõe: pessoas, atividades produtivas, espaços públicos, apropriados pela iniciativa privada etc. Deste modo, a autora define que “o aprofundamento do estudo da cidade pode ser encaminhado para a apreensão de sua dinâmica interna, ou seja, para o entendimento de alguns de seus elementos básicos: como a produção, a circulação e a moradia” (CAVALCANTI, 2008, p. 88).

As diversas possibilidades de leitura dos elementos que compõem a cidade, e em especial a metrópole paulista, podem nos revelar ganhos para o ensino de geografia, a partir de outras áreas do conhecimento que podem dialogar com a Geografia. O desenvolvimento de pensamento crítico e autônomo pode e deve ser estimulado pelo professor. Neste caso apresentaremos além da base teórica na qual se assenta esta atividade que segue, para abrir o debate para a aproximação da ciência geográfica e do ensino de geografia com os estudos críticos do discurso.

Este trabalho tem como base teórica os estudos críticos sobre a cidade desenvolvidos por Carlos (2012), que concebe a cidade como mercadoria, dentro da lógica de expansão ampliada do capital; em Padua (2015) os condomínios fechados são uma forma estratégica de produção do espaço; e Caldeira (2011) e Rodrigues (2013), as quais afirmam que os



condomínios fechados são uma forma de distinção, à medida que estabelece relações contraditórias na cidade, ao mesmo tempo que a nega.

Na primeira parte apresentaremos uma breve discussão sobre a Teoria Social do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough (2016), como possibilidade teórico-metodológica de apreender novos sentidos no ensino de geografia; na segunda parte apresentaremos a elaboração metodológica e os resultados da atividade pedagógica desenvolvida com uma turma de 2º ano do Curso Técnico em Edificações, da Escola Técnica Carlos de Campos; em seguida, as considerações finais.

### **Teoria Social do Discurso**

Os pressupostos teóricos do discurso na perspectiva crítica de Fairclough (2016), de linha britânica, buscam relacionar os usos da linguagem em relação ao funcionamento da sociedade. Através do entendimento de que o funcionamento da língua passa pelo crivo social, na disputa por produção e circulação de sentidos via discurso, o autor opera no sentido de promover uma mudança social discursiva, por meio de análise micro e macro de textos, relacionando aos contextos político, econômico e social. Segundo o autor, problemas sociais são também problemas de discurso, uma vez que o discurso figura em toda prática social, tornando-a parcialmente discursiva.

Ao formular as bases metodológicas da Análise de Discurso Crítica (ADC), este autor preocupa-se com os efeitos de sentido (ideológico) de textos. Segundo Resende e Ramalho (2011, p. 21), a ADC nos ajuda em:

[...] questionamentos de problemas parcialmente discursivos relacionados a poder, envolve o trabalho com textos, em qualquer modalidade – orais, sonoros, escritos, visuais – e sob qualquer forma – entrevistas, reportagens, publicidades, narrativas de vida, filmes e assim por diante. Esse principal material empírico com que o/a analista de discurso trabalha carrega propriedades sociodiscursivas muito relevantes, resultantes de sua produção e circulação na sociedade e, ao mesmo tempo, constituintes dessa mesma sociedade.

O discurso figura pelos modos de (inter)agir, representar e identificar, que se mantém dialética e simultaneamente em práticas sociais (atividades concretas da vida cotidiana); isso implica uma relação entre discurso e prática, um alterando o outro. Esses modos do discurso estão ligados aos significados do discurso, que são o significado acional, representacional e

identificacional, respectivamente. A partir desta ordem, o discurso será mobilizado a partir de três dimensões. Conforme explicam Resende e Ramalho (2011, p. 51),

o **significado acional** relaciona-se ao eixo do poder, ou seja, a ‘relações de ação sobre os outros’. Nessa perspectiva é que se entende que gêneros, como maneiras de (inter)agir e relacionar-se discursivamente, implicam relações com os outros, mas também ação sobre os outros e poder. O **significado representacional** relaciona-se ao eixo do saber. Discursos, como maneiras particulares de representar aspectos do mundo, pressupõem controle sobre as coisas e conhecimento. O **significado identificacional** relaciona-se ao eixo da ética. Estilos, maneiras de identificar a si e aos outros, pressupõem identidades sociais e individuais, ligadas às ‘relações consigo mesmo’, ao ‘sujeito moral’.

A teoria resumidamente apresentada sustenta, portanto, os objetivos e procedimentos metodológicos desta proposta de atividade, a qual, adotando um posicionamento de enfrentamento das questões relativas às formas de produção do espaço urbano da cidade de São Paulo, tendo-as como um reflexo do contínuo processo de apropriação desigual do espaço urbano, na forma de mercadoria para acumulação ampliada de capital, isto é, como um dos elementos espaciais que perpetuam a segregação socioespacial.

Coadunando discurso e sociedade, a leitura geográfico-discursiva que buscamos empreender é, como o discurso, modalizado para desempenhar certos sentidos capazes de perpetuar formas simbólicas no imaginário social, atua sobre as ações dos cidadãos. Ações que efetivam a percepção daquilo que o agente imobiliário enuncia. Especificamente, objetivamos investigar como os *folders* utilizados como material de divulgação de condomínios fechados, são utilizados para disseminar novos sentidos de habitar na capital paulista.

Na ADC, o gênero não assume a função de um tipo de texto apenas, mas também como um espaço de negociação de relações sociais entre os sujeitos do discurso. O gênero discursivo trata da relação com e sobre as pessoas. Como afirmam Resende e Ramalho (2011, p. 60),

os gêneros como um elemento de ordens do discurso associado ao significado acional/relacional, a rede de opções de gêneros refere-se a um potencial abstrato previsto nas redes sociodiscursivas de ordens do discurso, que permitem e constroem processos de significação.

O *folder* como um gênero discursivo utilizado para a promoção da venda de condomínios fechados, age e interage com seus leitores, que normalmente são consumidores



em potencial, ou seja, aquelas pessoas que possivelmente estão predispostas a comprar um apartamento. Mas não apenas estas, pois como este tipo de material é entregue de mão em mão, principalmente nas ruas, por seus promotores, acreditamos que os sentidos potenciais que estão neste gênero, abrangem ou podem alcançar um número maior de pessoas, mesmo as não consumidoras. Na seção seguinte apresentaremos os resultados da atividade desenvolvida. Na oportunidade apresentaremos como a proposta da atividade fora elaborada.

## Resultados e discussão

### 1. Dos passos para a realização da atividade a sua aplicação

Essa atividade foi gerada a partir das discussões realizadas em sala de aula sobre produção do espaço. Como de praxe, trabalhamos essa questão na escala global, iniciada com a espacialização deste fenômeno no contexto capitalista de produção, delimitando-o nas sociedades atualmente consideradas de economia avançada. Nos momentos seguintes realizamos uma aula dialógica sobre a apropriação do território nacional e sua produção nos diferentes períodos históricos. Este conteúdo fez parte do primeiro bimestre do ano letivo de 2019. Esta atividade tem por base as orientações para o desenvolvimento de competências e habilidades pretendidas para o 2º ano Curso Técnico de Edificações.

Para entender melhor como se encontra a produção atual em espaços de metrópoles, realizamos esta atividade para possibilitar raciocínios espaciais da produção do espaço a partir da capital paulista. Os alunos foram motivados a realizar uma avaliação qualitativa de *folders* de condomínios fechados, uma vez que um olhar sobre estes materiais, poderia nos render importantes compreensões acerca da urbanização atual.

Foi entregue a cada aluno um *folder* de divulgação. Foram disponibilizados diversos materiais de vários empreendimentos para que se percebesse que, embora se tratasse da mesma atividade (imobiliária), há diversidade dentro deste mesmo setor. Na atividade entregue a cada aluno, constavam dois textos curtos de natureza científica e as orientações de como deveria ser feita a atividade, além das questões que deveriam ser respondidas.

Ressaltamos que não foram trabalhados os pressupostos da ADC com os alunos, mas estes estavam na base das discussões das aulas anteriores, bem como foram o suporte próprio da atividade desenvolvida, especificamente no norteamento da formulação das questões. Os alunos tiveram duas aulas com 50 minutos cada para responder sete questões.

Resgatando a sequência didática realizada: a) nas primeiras aulas, em um total de quatro, trabalhamos conteúdos sobre a produção capitalista do espaço mundial; b) na terceira semana, trabalhamos a produção do espaço brasileiro, desde a colonização até o presente; c) na quarta semana, realizamos o estudo de caso que está sendo descrito neste trabalho.

Durante a aplicação tratamos brevemente sobre a apresentação do tema e do processo de avaliação dos *folders*; houve o cuidado de não abordar o tema em específico para não influenciar nas respostas, muito embora algumas dúvidas foram sanadas nesta etapa. Deste modo, toda a compreensão inicial sobre o fenômeno da produção do espaço da metrópole paulistana veio da interação com os dois textos presentes na atividade e na observação, análise e avaliação do material de divulgação entregue a cada aluno, proporcionando, assim, um momento dialógico entre aluno e o discurso no *folder*.

Neste trabalho não trataremos do momento posterior com os(as) alunos(as), porque não foi necessário realizá-lo. O diálogo estabelecido entre alunos(as) com o professor, no momento de realização da atividade, e das aulas anteriores proporcionaram o entendimento da produção do espaço fosse alcançado. Na Seção seguinte apresentaremos a avaliação realizada pelo professor sobre o trabalho realizado em sala de aula e sua crítica.

## 2. Da avaliação crítica da atividade à avaliação crítica da metodologia utilizada

Pelos limites deste trabalho não apresentaremos a avaliação de todas as questões nem apresentaremos a tarefa completa (textos, imagens e material de divulgação). Retiramos algumas respostas das questões 4 e 5 relevantes para a discussão sobre a metodologia proposta e sobre o desempenho dos alunos. A nossa pretensão é mostrar como a ADC pode ser trabalhada e como pode ser um campo frutífero para o ensino de geografia. Além de ajudar na compreensão de novos sentidos sobre a cidade, esta metodologia pode servir como parâmetro para avaliar o desempenho dos alunos e avaliar como se estabelece a relação dialógica entre aluno e *folder* na produção de sentidos. Dito de outra forma, a ADC pode ajudar a construir atividades e avaliá-las dentro da perspectiva discursiva.

Preservamos a escrita original das respostas dos alunos transcritas - pois há palavras sem algum acento ou orações sem concordância, com o objetivo de garantir a integridade dos dados coletados, além do mais, enumeramos as respostas por questão. Os nomes dos alunos





foram ocultados para preservar suas identidades. Os elementos norteadores para a apresentação dos resultados serão as perguntas da atividade. Desta forma, o quadro 1 apresenta as questões da atividade - quadro 2, algumas respostas das questões 4 e 5. Não colocamos todas as respostas destas duas questões, devido à repetição de algumas respostas que possuíam o mesmo sentido.

Quadro 1: perguntas propostas da atividade pedagógica.

Questão 1	Identifique os equipamentos urbanos e outros componentes do entorno que valorizam a aquisição de apartamentos do material de divulgação. Como o material de divulgação apresentam esses equipamentos em favor da valorização do local?
Questão 2	Há pessoas no material de divulgação? Descreva-as e tente deduzir o motivo pelo qual elas aparecem nesse material? O que o folder quer que o consumidor entenda com isso?
Questão 3	Como estão descritos os espaços internos do condomínio? O que há nesses espaços? De que esses espaços querem nos convencer?
Questão 4	Qual a relação que podemos estabelecer com os espaços públicos ou espaços externos aos condomínios se muito do que está na cidade, está nos condomínios?
Questão 5	É possível identificar o tempo nesses folhetos? De que forma ele se apresenta como elemento de comodidade?
Questão 6	A partir da observação do folheto como um todo, é possível perceber para qual público o empreendimento se destina. Tente identificá-lo e relacioná-lo com o padrão de vida que o projeto oferece.
Questão 7	A partir de toda análise realizada, produza uma síntese daquilo que foi mais significativo para você. Identifique o que mais chamou a atenção e por quê. Se sentiram falta de algo que poderia ser melhor apresentado para identificar o condomínio e o bairro no qual se insere.

Quadro 2: Amostras das respostas dos alunos.

4. Qual a relação que podemos estabelecer com os espaços públicos ou espaços externos aos condomínios se muito do que está na cidade, está nos condomínios?
“A relação que as pessoas não precisam sair do condomínio para a área externa para usufruir daquilo que tem na cidade, e economiza (...), não pega trânsito, etc.”
“Que você não precisa sair do espaço externo, sendo que o condomínio já te oferece esse espaço ou seja, deixa o que é de fora, lá fora e “prender” o que está dentro.”
“Eles tentam fazer com que os espaços internos do condomínio sejam mais bonitos e mais acessíveis as pessoas, como parques, academias, playgrounds e etc.”
“É possível estabelecer que eles terão privilégio já que a mesma que se tem na (...) também há no condomínio mas com a diferença que sera privado apenas para quem morar lá, e as pessoas sempre querem ser mais privilegiadas.”
“Que em espaço publicos as pessoas podem se sentir inseguras e dentro do condomínio você mal sai de casa e já está em espaços confortáveis e seguros.”
“Mostra que as familias não vão precisar sair do proprio condomínio para poder se divertir, relaxar ou até mesmo fazer academia.”
“Os ambientes fechados são mais seguros, pessoas que se conhecem e convivem entre si.”
“Não precisamos sair do prédio para ir pra piscina ou academia, fica mais pratico, seguro e confortável.”
“O condomínio que possui tudo o que os espaços publicos também possuem, nos trazem o sentimento de exclusividade. (...) Eles tem o intuito de colocar todos os serviços deles são muito melhores do que os de fora.”

“O apartamento tem tudo que os espaços externos tem, (...) evitando gastar mais conduções.”  
 “A relação que podemos estabelecer é que os condomínios querem suprir as necessidades e soluções que achamos em espaços públicos dentro, de maneira fechada e privada, fazendo-nos acreditar que dentro do condomínio temos nossas dificuldades e necessidades supridas de maneira mais segura e reservada.”  
 Com base a isso concluímos que no condomínio é mais seguro e tem mais aproveitamento nos espaços fechados.”  
 “É uma relação de deslocamento mais prático e valorização dos espaços internos do condomínio, como academias e vendas, fazendo com que o cliente deixe de usar os espaços públicos e externos e use os do condomínios.”

5. É possível identificar o tempo nesses folhetos? De que forma ele se apresenta como elemento de comodidade?

“A comodidade e a proximidade dos espaços externos, como parques, shopping, estações de metrô, faz o morador do condomínio economizar tempo na sua locomoção, pois está mais perto e não demora muito pra chegar, economizando tempo.”  
 “Próximo e acessível a metrô e ônibus. Mais acesso a cidade. Sendo assim, além de segurança e modernidade, o condomínio também te oferece mais facilidade.”  
 “É fácil você voltar para casa quando sua casa está localizada perto de um bairro conhecido ou do lado de uma metro que para você se locomover e mais fácil e demanda menos tempo ou seja menos cansaço stress e nervoso em transporte público, economizando em gasolina e dependendo menos de carro.”  
 “Sim, perto de vias representado em desenhos e em uma frase como “250m do metro Brás”, e um mapa de tudo ao redor.”  
 “Tempo tranquilo e suave sempre aconchegante atraindo assim ainda mais o cliente.”  
 “É possível indicar um fim de tarde apresentando-se como uma comodidade igual por ser um lugar calmo sem grande fluxo de pessoas.”  
 “Sim na parte que fala sobre o parque diz que e ele manter o ar das cenas 30 isso da a pensar que e algo retro, bonito.”  
 “Sim, o horário apresentado nas fotos proporcionando um clima agradável para ficar nos espaços apresentados. Na foto do parque é apresentado com a foto tirado pela manhã ideal para visita, já no living é apresentado um fim de tarde.”

O fundamento da questão 4 com a ADC está em relacionar sentidos sobre a cidade (espaços externos públicos), ou que estão disponíveis para consumo na cidade, e os mesmos espaços que estão dentro dos condomínios (áreas de lazer, sauna, salão de jogos etc.).

A categoria “Avaliação” da ADC nos ajuda a investigar as marcas textuais em diversos gêneros discursivos sobre processos de julgamento. Para tanto, é necessário identificar como o objeto em análise está discursivamente construído, qual juízo de valor (positivo ou negativo) foi atribuído e como essas marcas servem para ocultar outras realidades, pessoas ou depreciá-los.

Como maneira particular de se posicionar diante de aspectos do mundo, avaliações são sempre parciais, subjetivas e, por isso, ligadas a processos de identificação particulares. Caso tais processos envolvam posicionamentos ideológicos, podem atuar em favor de projetos de dominação. Avaliações, então, são significados identificacionais que podem ser materializados em traços textuais como afirmações avaliativas, afirmações com modalidades deônticas, avaliações afetivas e presunções valorativas. A avaliação é, em princípio, uma categoria





identificacional, moldada por estilos. São apreciações ou perspectivas do locutor, mais ou menos explícitas, sobre aspectos do mundo, sobre o que considera bom ou ruim, ou o que deseja ou não, e assim por diante (RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 119).

Na questão 4 pretendíamos que os alunos fossem capazes de relacionar o bem viver nos condomínios a partir do que eles oferecem, ao mesmo tempo em que eles dizem que não é necessário consumir a cidade, criando uma negação desta. Seriam os alunos capazes de perceber, então, a oposição entre cidade e condomínio, ou seja, espaço público x espaço privado?

Nas respostas 1, 2, 6, 8 e 13 os alunos mostraram suas impressões ao afirmarem que os serviços e produtos disponibilizados no condomínio fariam com que seus moradores/consumidores não precisassem usar a cidade. Como o *folder* é um material polifônico, identificamos alguns sentidos percebidos pelos alunos, com relação aos condomínios, como por exemplo: “estética” ou o gosto pelo o que é bom ou o que pode fazer bem, na questão 3; exclusividade, nas questões 4 e 9; segurança, nas questões 5, 7, 11 e 12; economia de tempo/mobilidade/ acesso, na questão 10.

A partir dessas respostas podemos chegar à seguinte conclusão: os alunos identificaram a oposição pelos diversos sentidos potenciais que estão nos *folders*. Esta oposição é criada pela valorização dos ambientes que os condomínios apresentam, na medida que criam uma separação com os externos da cidade.

As diferenças entre o público e o privado (condomínios fechados x cidade), identificadas nas respostas dos alunos, textualizam como os agentes imobiliários apresentam os novos objetos espaciais aos seus possíveis consumidores. Valorações positivas são uma forma de identificar o outro e as coisas do mundo, e foram constantemente empregadas para caracterizar esses objetos como necessários à vida na metrópole.

Tanto a identidade que o *folder* constrói sobre o consumidor/usuário que vai habitar no condomínio, a partir de um determinado estilo de vida apresentado nesse material; quanto as diferenças que acarreta em distinção entre os sujeitos da cidade que o espaço do condomínio proporciona, estão ambos, identidade e diferença associados ao significado identificacional do discurso do agente imobiliário. Relacionam-se, desta forma, ao controle de classificações que os contextos de dominação exercem sobre a produção do espaço; não apenas sua apropriação material, mas também a apropriação simbólica de como viver na cidade. “É por meio da

representação que identidade e diferença ligam-se a sistemas de poder; questionar identidades e diferenças é, então, questionar os sistemas legitimados que lhe servem de suporte na atribuição de sentido” (RESENDE e RAMALHO, 2014, p. 77).

Numa cidade como São Paulo, o quesito segurança é considerado fundamental para quem quer se sentir protegido, fora da periculosidade que o andar nas ruas poderia causar. Além da segurança, as pessoas querem exclusividade na obtenção de seus bens para se distinguirem dos demais, efeito simbólico da distinção. Para tanto é necessário produzir uma estética própria, investimento na qualidade gráfica dos materiais e dos ambientes internos que são vendidos juntos com os apartamentos, mesmo que o produto final não seja como no *folder*; ao mesmo tempo que diz estar perto de tudo aquilo de que precisamos: parques para o lazer, mercados, farmácias e *shoppings*, para gerar economia de tempo. Os alunos perceberam esses sentidos a partir da interação com os materiais de promoção dos condomínios, evidenciando assim, a efetividade da proposta e a eficácia de alcançar novas compreensões sobre o fenômeno urbano.

Os sentidos construídos pelos alunos, portanto, estão marcados em suas respostas como o discurso do *folder* está modulado a partir de distinções entre o espaço do condomínio e o espaço da cidade. Há, portanto, a percepção pelos alunos, da construção da oposição que valoriza os condomínios, ao mesmo tempo que exclui seu outro, a cidade. Neste sentido Fiorin (2011, p. 33) afirma que

cada tema e/ou figura de um discurso nega o tema e/ou figura de seu correspondente do seu outro. O discurso constrói-se sobre o princípio da antítese e é, portanto, atravessado pela exclusão de seu outro. As mesmas palavras podem estar nos dois, mas com as mesmas palavras, eles não falam das mesmas coisas.

Na questão 5 discutiremos a polifonia do *folder*, ou seja, como este gênero discursivo pode engendrar múltiplos sentidos sobre o mesmo objeto. O objetivo principal era que os alunos percebessem a valorização dos empreendimentos pela proximidade com outros objetos espaciais para economizar tempo, representados em mapas, imagens, croquis ou em marcações textuais. Portanto, a valorização do tempo cronológico com aquilo que nos seria essencial para viver em um bairro (mercado, parque, vias de circulação etc).

As respostas obtidas foram surpreendentes, algumas não previstas pelo próprio professor. A palavra “tempo”, na questão 5, mostrou-se polifônica, pois alguns alunos associaram-na com o tempo meteorológico, e outros alunos, com o tempo cronológico, sendo



este nosso intuito inicial. Identificamos que os alunos, por meio de suas leituras cotidianas, e em contato com o material em análise, produziram sentidos outros, além do que fora esperado. Isso significa dizer que os sujeitos da aprendizagem mobilizaram seus conhecimentos de sua prática espacial, ampliando ainda mais o entendimento, de forma autônoma sobre a cidade. Isso também nos faz pensar que, embora atividades pedagógicas possuam uma determinada finalidade estipulada pelo professor, as mesmas não podem ser fechadas, mas sempre abertas às mudanças.

Voltando à análise, o tempo cronológico está manifesto nas respostas 1, 2, 3 e 4. Enquanto que o tempo meteorológico está expresso nas respostas 5, 6 e 8. A questão 7, além de trazer o sentido do tempo pelo “ar das cenas”, há também o sentido de “nostalgia” de algo passado que fez com que o aluno o interpretasse assim. Acreditamos que não há nada de errado nessas várias impressões, posto que, indo além daquilo que fora designado, foram construídas novas possibilidades de compreensão do fenômeno urbano. Além do mais, pretendíamos também identificar efeitos de sentidos que o *folder* poderia causar nos alunos e a prova está na polifonia textualizada.

As respostas 1, 2, 3 e 4 foram desenvolvidas a partir do que o *folder* queria transmitir: praticidade e economia de tempo. Assim, torna-se vantajoso morar no condomínio. O discurso do empreendimento foi efetivo neste caso. A hipótese levantada por nós, para entender o sentido da palavra tempo nas respostas 5, 6 e 8 (tempo meteorológico), é que esta palavra é comumente utilizada nas aulas de geografia para determinar as condições da atmosfera. Por se tratar de uma aula de geografia, acreditamos que os alunos fizeram esta associação. Como afirmamos anteriormente, os alunos mobilizaram conhecimentos anteriores, à medida que foram construindo seu processo dialógico com o *folder*. Essa dialogia é fundamental para produção de sentidos.

A palavra tempo apresentou-se, portanto, polifônica, isto é, a partir dela, foram identificadas várias vozes no mesmo discurso, como acima mencionado. Os alunos construíram conhecimentos geográficos a partir de vozes anteriores que estão manifestas nos *folders*. A questão 7 apresentou um sentido totalmente diferente e não esperado, como foi percebido pelo aluno. Neste caso e com o sentido percebido do tempo meteorológico, a imagem contida no *folder*, foi fundamental para essa construção dialógica.

A descrição da imagem na resposta evidencia que a cena construída no *folder* pôde ativar outros sentidos nos alunos; os alunos inferiram, portanto, que o *folder* estava construindo um saudosismo de um ambiente tranquilo, como se passado e presente pudessem compartilhar da mesma ideia. Possivelmente a tranquilidade de uma cidade pequena? É possível, uma vez que a cidade grande também é conhecimento por seu constante barulho de carros, trens etc. A polifonia como a presença de vozes em um texto (BAKHTIN, 2009), é a forma capaz de produzir e mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos, a partir de seu contato anterior com lugares, pessoas e situações.

Segundo Bakhtin (2009, p. 96) [...] “o essencial na tarefa da descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular”. Compreender/descodificar é diferente de identificar. Bakhtin (2009) adverte que o signo é compreendido e que o sinal é identificado. “O sinal é uma entidade de conteúdo imutável (*idem*, p. 96) e identifica coisas imutáveis”. Quando lemos um texto ou uma palavra determinada, o autor adverte que não devemos apreender a palavra em si mesma, mas a partir do sentido ou da orientação lhe é atribuída no contexto apresentado. E provavelmente foi isso que habilitou os alunos a desempenharem múltiplas interpretações.

### **Considerações finais**

Pretendemos mostrar as possibilidades de investigação de sentidos urbanos, a partir da aplicação de uma atividade direcionada para alunos do 2º ano do Curso Técnico de Edificações de uma escola de São Paulo. A atividade foi direcionada a partir dos pressupostos da ADC da linha britânica, que busca investigar questões de discursos, entendidas como problemas sociais parcialmente discursivos.

Na oportunidade, mostramos e analisamos o desempenho dos alunos na realização da atividade, à medida que apresentamos alguns pressupostos da metodologia utilizada tanto na atividade pedagógica, como na própria avaliação da atividade.

Identificamos que múltiplos sentidos podem ser construídos com um mesmo material semiótico, que neste caso a opção de escolha foi de *folders* de empreendimento imobiliários. O



*folder* como lugar estável para produzir e disseminar sentidos sobre a cidade, mostrou-se eficaz no desenvolvimento da atividade, produção de sentidos e na constatação de sua polifonia.

Nesta atividade os ganhos foram muitos, tanto para os alunos que tiveram o primeiro contato com essa perspectiva teórico-metodológica, mesmo que de forma indireta, e para o professor, que possibilitou reflexões relevantes da prática docente, depois da análise empreendida da atividade.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira; Prefácio de Roman Jakobson; Apresentação de Marina Yaguello. 16. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2009. 203 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas, SP: Papyrus, 2008. 190p

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** Tradução de Frank de Oliveira, Henrique Monteiro. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34: Edusp, 2011. 400 p.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2. ed. Brasília, DF: UnB, 2016.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. IN.: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, J. L. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade.** – 2. ed. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 29-36.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Educação geográfica e formação da consciência espacial. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2013, 174p.

PADUA, Rafael Faleiros de. Produção estratégica do espaço e os “novos produtos imobiliários”. In: CARLOS, A. F. A; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (orgs). **A cidade como negócio.** São Paulo: Contexto, 2015, p. 145-163

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa.** Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 1, Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Loteamentos murados e condomínios fechados: propriedade fundiária urbana e segregação socioespacial. IN: PINTAUDI, Silvana Maria; CORRÊA, Roberto Lobato; VASCONCELOS, Pedro de Almeida (Orgs.). **A Cidade Contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2013, p.147-168.